

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**
Área Temática: Negociações Internacionais
Período de Análise: junho de 2010.

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Site eletrônico do MDS
Site eletrônico do MDA
Site Eletrônico do MMA
Site eletrônico do INCRA
Site eletrônico da CONAB
Site eletrônico do MAPA
Site eletrônico da Agência Carta Maior
Site Eletrônico da Fetraf
Site Eletrônico da MST
Site Eletrônico da Contag
Site Eletrônico da Abag
Site Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da CPT
Revista Globo Rural
Revista Isto é Dinheiro
Agroanalysis

Índice

Obama diz ao G-20 que recuperação global é prioridade - Patricia Campos Mello - Estado de São Paulo - Economia - 19/06/2010.....	3
Brasil e EUA se opõem à Européano G-20 - Andrei Netto - Estado de São Paulo - Economia - 25/06/2010.....	4
G-20 decide cortar gastos pela metade até 2013 - Estado de São Paulo - Capa - 28/06/2010	5
G-20 vai cortar déficits pela metade - Patrícia Campos Mello - Estado de São Paulo - Economia - 28/06/2010.....	5
O acordo mais difícil do G-20 - Estado de São Paulo - Notas e Informação - 29/06/2010.....	6

Obama diz ao G-20 que recuperação global é prioridade – Patricia Campos Mello
– Estado de São Paulo – Economia – 19/06/2010

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, enviou ontem uma carta aos outros líderes do G-20, em que ele enfatiza a necessidade de reforçar a recuperação global e deixa em segundo plano o problema do endividamento dos governos. “Nossa maior prioridade é consolidar a recuperação”, escreveu Obama aos líderes que se reúnem entre os dias 24 e 26 em Toronto, no Canadá. “Precisamos reafirmar nossa unidade para implementar as políticas que mantêm o crescimento econômico robusto”, escreveu. Segundo Obama, a disciplina fiscal é uma meta de médio prazo, enquanto consolidar a recuperação é mais urgente. O presidente americano ressalta que, caso a recuperação dê sinais de fragilidade, serão necessário adotar mais medidas de estímulo. Trata-se de uma resposta às pressões domésticas e de alguns países europeus para se iniciar o quanto antes a redução dos déficits orçamentários.

Dentro dos EUA, a Casa Branca insiste que não está na hora de pôr o pé no freio e tenta aprovar no Congresso uma lei que prolonga benefícios de desemprego, mas os defensores de austeridade fiscal resistem. Na Europa, a crise de endividamento da Grécia, Espanha e Portugal está assustando vários governos. França, Alemanha e Inglaterra já começaram a cortar gastos do governo.

O fundo Monetário Internacional (FMI) já afirmou que é necessário cortar despesas do governo nos países com crise de endividamento, mas a austeridade em nações como Alemanha e França pode abortar a recuperação no continente. “Precisamos nos comprometer com ajustes fiscais que estabilizem as taxas dívida-PIB em níveis apropriados a médio prazo”, admite o presidente americano na carta. Mas Obama aponta para o risco de um aperto fiscal precipitado abortar a recuperação. “Precisamos aprender com os erros do passado, quando os estímulos foram retirados cedo demais e isso levou a nova recessão.”

Câmbio.

Na carta, o presidente americano também pede que os países estimulem suas demandas domésticas e flexibilizem a taxa de câmbio, em um recado claro à China. Obama enfatiza a importância de “reequilibrar a economia”, um compromisso assumido pelos líderes do G-20 na cúpula de Pittsburgh no ano passado, para consolidar a recuperação econômica. Na época foi discutida a necessidade de países como a China dependerem mais de sua demanda doméstica e menos de exportações e taxa de câmbio desvalorizada para crescer.

O Congresso americano voltou a discutir retaliações contra a China caso não haja uma valorização no yuan. Legisladores pressionam Obama a tomar uma atitude. Esperava-se que Pequim fizesse uma pequena valorização na moeda antes da reunião de Toronto, mas isso não ocorreu. Ao contrário, anteontem, autoridades chinesas advertiram que a cúpula do G-20 não é o local apropriado para discutir sua taxa de câmbio.

Na carta, Obama também se refere indiretamente à taxa sobre os bancos que foi sugerida pelo FMI como forma de se prevenir as próximas crises, pedindo “princípios para o setor financeiro fazer uma contribuição justa e substancial para pagar por quaisquer problemas que criar”.

O Brasil se opõe a essa taxa. O argumentado ministro da Fazenda, Guido Mantega, é de que o Brasil não teve problemas com seu sistema financeiro, então não teria porque os bancos brasileiros terem de pagar a taxa.

Brasil e EUA se opõem à Europeano G-20 – Andrei Netto – Estado de São Paulo – Economia – 25/06/2010

A Europa vai levar à cúpula do G-20, em Toronto, neste fim de semana, uma mensagem clara: a prioridade é a reorganização das finanças públicas, e não as medidas de relançamento da economia. Ministros de Finanças da União Europeia defenderam ontem os planos de austeridade implementados pelos principais países do bloco, como Alemanha, França, Reino Unido, Itália e Espanha.

Segundo a ministra de Finanças da França, Christine Lagarde, o retorno ao equilíbrio é “um imperativo” inegociável para o bloco, depois da onda especulativa na Grécia, em Portugal e na Espanha. A posição é uma resposta antecipada aos Estados Unidos, que têm aumentado a pressão pela manutenção das medidas de estímulo à atividade econômica na Europa. O Brasil está alinhado com a posição americana. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva viaja hoje para Toronto, onde pretende cobrar dos governantes compromissos com a retomada do crescimento da economia (*leia mais na pág. B3*).

Pressão americana.

Em artigo publicado no jornal *The Wall Street Journal* na quarta-feira, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Timothy Geithner, e o conselheiro econômico da Casa Branca, Lawrence Summers, enviaram o recado aos europeus. “Devemos mostrar nosso engajamento com a redução dos déficits sem longo prazo, mas não ao preço do crescimento em curto prazo”, afirmaram. “Sem crescimento agora, os déficits vão crescer e destruir o crescimento futuro.”

Apelo semelhante foi feito pelo presidente Barack Obama, em carta enviada aos principais líderes políticos da Europa em 18 de junho. É preciso, diz Obama, “aprender com os erros cometidos no passado, quando as medidas de estímulo à economia foram retiradas rápido demais”, sugerindo que os europeus devem aprender com o exemplo dos Estados Unidos nos anos 30.

As críticas pesam mais sobre a Alemanha e o Reino Unido, cujos planos de austeridade representarão cortes de gastos de € 85 bilhões e € 104 bilhões. ‘Ação preventiva’. Para rebatê-las, Christine Lagarde e George Osborne, ministros de Finanças da França e do Reino Unido, reiteraram a prioridade de seus países. A ministra francesa foi irônica ao comentar as declarações de Obama e Geithner em entrevista ao jornal *Les Echos*, ontem. “A volatilidade de algumas declarações é quase a réplica da dos mercados”, afirmou, cutucando as finanças americanas. “Os déficits públicos europeus escondem outros, tão importantes quanto, de outros países do mundo.” Em Londres, Osborne defendeu o projeto de corte de gastos, que classificou como “uma ação preventiva”. “Não quero ver o país na situação da Espanha, da Itália ou da Grécia, que fizeram coisas drásticas para conter seus problemas de déficits.” Enquanto os Estados Unidos se preocupam em garantir o crescimento internacional, a agenda dos europeus no G-20 é voltada à regulação.

A prioridade da Alemanha, da França e do Reino Unido é avançar na supervisão das instituições financeiras e, se possível, obter a aprovação dos demais países para uma taxa global sobre as operações financeiras. O tema enfrenta a resistência de membros do G-20 como Canadá, Índia e Brasil. As divergências preocupam analistas. Nicolas Véron, economista do Centro Bruegel, de Bruxelas, adverte para o risco de naufrágio das negociações. “É cedo para chamar de fracasso a

agenda financeira do G-20”, diz. “Mas há um inescapável senso de que uma harmonização financeira global é incompatível com a realidade.”

G-20 decide cortar gastos pela metade até 2013 – Estado de São Paulo – Capa – 28/06/2010

Representantes dos países do G-20 reunidos no Canadá comprometeram-se ontem a reduzir seus déficits pela metade até 2013. O comunicado da cúpula também fala em trajetória descendente da dívida em relação ao PIB até 2016. Para analistas, é uma vitória da Europa, que defendeu metas concretas, em oposição a representantes dos EUA e do Brasil. Já a taxa global sobre transações financeiras ficou fora do comunicado, para alívio de países como Brasil, Japão e Canadá, contrários à proposta. Porém, essa decisão vai limitar a iniciativa de europeus em relação aos bancos.

ECONOMIA

G-20 vai cortar déficits pela metade – Patrícia Campos Mello – Estado de São Paulo – Economia – 28/06/2010

Países do G-20 se comprometeram com a meta de reduzir seus déficits pela metade até 2013 e por seu endividamento em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) em trajetória descendente até 2016. O compromisso faz parte do comunicado de 27 páginas divulgado pelo G-20 ontem, após 30 horas de negociação e muita divergência. O grupo reúne os países mais ricos do mundo e os principais emergentes. Para observadores, a posição da Europa prevaleceu ao fixar metas concretas de redução de déficits, a que os Estados Unidos se opunham. Mas, para chegar a um acordo, os países tiveram de incluir no comunicado que a redução deve ser “amigável ao crescimento”, reivindicação de nações como o Brasil.

O governo brasileiro, que se alinhou aos EUA, não considera que sua visão tenha saído derrotada. Segundo fonte próxima às negociações, as reduções de gastos e a retirada de estímulos não se darão no curto prazo, em 2010 e 2011, então não devem afetar a recuperação. Além disso, a meta de ajuste fiscal se restringe às economias avançadas e cada uma vai adotar receita própria. No sábado, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, havia dito que a meta de reduzir os déficits à metade até 2013 era “draconiana” e “exagerada”. Disse ainda que a Europa não pode “fazer ajuste fiscal à custa do Brasil” e de outros emergentes, reduzindo a demanda doméstica e aumentando exportações. A meta de redução dos déficits foi ideia do país anfitrião, o Canadá.

Em entrevista, o presidente Barack Obama foi questionado se o comprometimento de cortar déficits não é um repúdio à opinião dos EUA. “Nós já havíamos proposto cortar nosso déficit pela metade”, afirmou. “Mas eu disse que nem todos poderiam correr pela saída ao mesmo tempo – países com superávit não podem fazer isso”, disse Obama, num claro recado para a Alemanha. “Já a Grécia precisa agir imediatamente.”

O comunicado deixa a cargo de cada país calibrar seus ajustes fiscais. Isso levou à crítica de que a unidade conseguida em outras cúpulas, que levou a coordenação de políticas que ajudaram a tirar o mundo da crise financeira, não ocorreu em Toronto. “Quando a casa está pegando fogo, todo mundo concorda em

entrar e apagar o incêndio”, disse um negociador. “Quando se trata de reconstruir a casa, cada um prefere fazer de um jeito, é difícil dar resposta em uníssono.”

Segundo o *Financial Times*, as nações do G-20 concordaram em discordar. “As nações estão se concentrando em suas próprias economias e ignorando o bem-estar global”, cita o texto. Países emergentes ficaram fora do foco, pois a maioria dos problemas atualmente vem das nações avançadas. Os países mantiveram a decisão de concluir, até a cúpula de Seul, na Coreia do Sul, em novembro, a reforma de cotas do Fundo Monetário Internacional (FMI), uma reivindicação brasileira.

O acordo mais difícil do G-20 – Estado de São Paulo – Notas e Informação – 29/06/2010

É preciso manter o crescimento econômico, reduzir o desemprego e ao mesmo tempo corrigir enormes desequilíbrios nas contas públicas: como fazer tudo isso ao mesmo tempo? Este foi o assunto principal da reunião de cúpula do G-20, o grupo das maiores economias desenvolvidas e em desenvolvimento, realizada sábado e domingo em Toronto, no Canadá. Foi a discussão mais difícil desde o primeiro encontro de governantes do grupo, em novembro de 2008, em Washington, e o resultado foi satisfatório.

Nas conferências anteriores foi muito mais simples encontrar denominadores comuns, porque as prioridades eram muito claras. Era urgente combater a recessão e ao mesmo tempo iniciar a reforma do sistema financeiro, berço da maior crise mundial desde os anos 30 do século passado. Os fatores de risco hoje são outros.

O compromisso alcançado em Toronto foi menos vistoso que os acordos obtidos em outras conferências, mas pode-se considerá-lo um avanço. Diante de uma agenda muito mais complexa, foi mantido o esforço de coordenação de políticas. O problema é exposto com clareza na declaração final do encontro. A recuperação é desigual e frágil, o desemprego permanece elevado em vários países e é essencial manter estímulos ao crescimento. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer a “importância de finanças públicas sustentáveis”. Há dois perigos à frente. Políticas de ajuste fiscal sincronizadas nas principais economias poderão prejudicar a recuperação. Mas negligenciar a arrumação das contas públicas, nos países com maiores desequilíbrios, afetará a confiança dos mercados e também isso dificultará a reativação econômica. Antes da reunião em Toronto, a expectativa era de um confronto entre Estados Unidos e Alemanha. O presidente americano, Barack Obama, tentaria persuadir a chanceler alemã, Angela Merkel, a afrouxar o plano de correção das contas públicas anunciado há poucas semanas. As finanças do governo alemão são muito mais saudáveis que as de várias outras economias europeias, incluída a britânica.

Além disso, a Alemanha é superavitária no comércio exterior. Se os seus cidadãos consumirem mais e suas importações crescerem, a recuperação dos demais países será mais fácil. Não houve um placar oficial de vencedores e vencidos. O balanço final indica uma aproximação de posições. O compromisso de pelo menos cortar pela metade os déficits fiscais até 2013 e de estabilizar ou reduzir a relação dívida/PIB até 2016 deixa margem para um ajuste suave na Alemanha. O déficit das contas públicas alemãs equivaleu a 3,3% do PIB no ano passado e poderá chegar sem grande sacrifício à meta de 3% fixada para os sócios da União Europeia. Nenhuma outra grande economia europeia tem situação fiscal tão confortável.

A maior parte, incluídos Espanha e Reino Unido, terá de executar políticas severas para ajeitar as contas. O comunicado menciona políticas diferenciadas de

acordo com as circunstâncias de cada país. O detalhe mais duvidoso é a disposição dos alemães – dos cidadãos, e não só do governo – de expandir o consumo e aumentar as importações. Também este ponto – reduzir o desequilíbrio comercial entre superavitários e deficitários – é mencionado na declaração final do encontro.

As grandes economias emergentes vêm contribuindo de forma importante para esse objetivo, de forma intencional ou não. Neste ano, as importações têm crescido mais velozmente que as exportações tanto na China – maior potência exportadora do mundo – quanto no Brasil e na Índia. Mas é injusto, como observou o ministro da Fazenda do Brasil, Guido Mantega, atribuir essa responsabilidade só aos emergentes. Os países deficitários, segundo o comunicado, deverão poupar mais e buscar o reequilíbrio fiscal e comercial, mas sem fechar seus mercados. Isso vale tanto para os Estados Unidos como para os europeus. O resto dos grandes temas, como a reforma financeira internacional, aparece no comunicado sem grandes novidades. Uma das questões mais polêmicas, a tributação dos bancos, nem aparece no texto. Só há referência à cobrança de compensações pelos programas oficiais de ajuda. Com realismo, pode-se qualificar a reunião como produtiva

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

Assistentes de Pesquisa

Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

oppa **Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura**

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade UFRJ • Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actonaid



nead

Ministério do Desenvolvimento Agrário

